

A IMAGEM CINEMATOGRAFICA EM SALA DE AULA: o filme como recurso didático-pedagógico¹

Francisco Fabrício da Cunha Alves ²

Antônio Vieira da Silva Filho³

RESUMO

A pesquisa em questão tem como objetivo investigar as abordagens metodológicas empregadas no ensino da disciplina de filosofia no Ensino Médio, com ênfase na utilização de recursos visuais, como, vídeos e, notadamente, o uso do cinema como ferramenta didática. O relacionamento entre imagem retratada pelo cinema, saber e ensino-aprendizagem se mostra, como o principal foco de abordagem desta pesquisa. Dessa forma, busca-se avaliar a integração da linguagem cinematográfica no ambiente educacional do Ensino Médio, bem como as questões metodológicas, teóricas e epistemológicas enfrentadas pelos/as professores/as de filosofia ao incorporar esses recursos audiovisuais em sua prática educativa. Os conceitos expostos nas obras de Gilles Deleuze, Imagem-movimento e Imagem-tempo, são utilizados como fundamentação teórica para a argumentação. Consequentemente, este estudo enfatiza a importância das imagens cinematográficas na construção do conhecimento em filosofia. Através do cinema, os/as estudantes têm a oportunidade de explorar os aspectos filosóficos do pensamento. O/a professor/a tem a possibilidade de apresentar uma situação de aprendizado específica e fornecer recursos. Como resultado, o processo de aprendizagem se torna uma construção ativa e única para o estudante, permitindo que ele/a estabeleça suas próprias conexões de significado e explore diversas perspectivas durante sua jornada educacional. O/a professor/a, ao compreender o uso adequado do cinema na sala de aula, pode empregar essa linguagem como uma ferramenta potente no ensino de filosofia, conectando o conteúdo filosófico com as cenas selecionadas para exibição. Por fim, são apresentadas as considerações parciais que destacam a relevância do desenvolvimento desta pesquisa, considerando os desafios enfrentados e os resultados obtidos até o momento.

Palavras-chave: Cinema, Deleuze, Ensino de filosofia, Ferramenta didático-pedagógica.

INTRODUÇÃO

Esse artigo surge como resultado de uma pesquisa, cujo objetivo foi compreender como a utilização de recursos audiovisuais nas aulas de filosofia favorece a aprendizagem dos/as estudantes no ensino de Filosofia. Durante a jornada como professor de filosofia no ensino médio, fui tomado por questionamentos pelos/as estudantes sobre como estimular os/as professores/as no uso de ferramentas audiovisuais nas aulas de filosofia. Essa questão foi fundamentada pela teoria deleuzeana do cinema, segundo a qual a

¹ Esse artigo contempla trechos e discussões da dissertação do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades – Unilab-CE.

² Doutorando em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, alvesfabrcio2@gmail.com

³ Professor orientador: Doutor, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, antoniovieira@unilab.edu.br

relação entre imagem e pensamento abre possibilidades para aplicação no ensino de filosofia.

Nessa perspectiva, a hipótese de trabalho é a de que a aplicação da imagem cinematográfica em sala de aula constitui um recurso didático importante para os/as professores/as de filosofia. Essa hipótese é fundamentada nas duas obras de Gilles Deleuze sobre cinema, *Imagem-movimento* (1985) e *Imagem-tempo* (1990), que oferecem uma base teórica interessante para pensar a construção argumentativa quanto ao uso dessa ferramenta. Deleuze enfatiza o caráter filosófico da imagem, considerando-a como um signo que gera a ideia no cinema. Em relação ao nosso tema, a visão imagético-pensante de Deleuze: O cinema como ferramenta no ensino de filosofia, a imagem cinematográfica é vista como um veículo potente para a filosofia no contexto escolar.

O cinema surge como uma ferramenta didático-pedagógica e uma opção educacional para explorar temas e práticas filosóficas. As representações de supostas universalidades desenvolvidas no cinema podem já ter sido pensadas previamente, mas sua abordagem no contexto cinematográfico é significativamente distinta. O cinema oferece uma perspectiva social e estética ao propor uma temática, que pode ser percebida de forma mais acessível pelo olhar dos/as espectadores/as.

Na prática, o cinema se destaca como uma potente ferramenta educacional que amplia as possibilidades de ensino, tornando a discussão de ideias e conceitos mais ricas e diversificadas. O cinema se apensa à prática pedagógica ao oferecer uma abordagem diferenciada e cativante para a apresentação de ideias e conceitos, promovendo uma experiência de aprendizado mais enriquecedora para os/as estudantes/as.

A pesquisa busca investigar como essa abordagem impacta o interesse, a participação e o aprendizado dos/as estudantes, bem como a percepção e a experiência dos/as professores/as envolvidos/as. Nesse contexto, ao longo deste texto dissertativo, abordaremos essas questões, com o objetivo de compreender e validar o ensino da filosofia por meio do uso de ferramentas audiovisuais. No entanto, não podemos fazer isso sem antes refletir sobre nossa própria orientação em relação à filosofia, isto é, como nós mesmos aprendemos filosofia.

Finalmente, tendo levantado essas discussões, estamos motivados/as e impelidos/as a propor esta pesquisa, por mais desafiadora que seja, certos/as de que o

trabalho poderá colaborar com o avanço dos conhecimentos científicos, sobremaneira das humanidades e com o campo educacional, de forma mais específica quanto ao ensino de filosofia. Ao mesmo tempo, esperamos que a sua realização seja – como a pesquisa potencialmente é – um posicionamento crítico (de resistência) frente às tentativas de despolitização do ensino de filosofia, silenciamento de artistas e indiferença do legado de Gilles Deleuze.

METODOLOGIA

A interação entre filosofia e cinema sugere uma conexão intrínseca entre esses dois termos quando consideramos ambos em conjunto. É viável analisar essa relação em dois sentidos distintos: o que, na filosofia, desperta o interesse do cinema e o que, no cinema, desperta o interesse da filosofia. Contudo, nossa atenção será direcionada para o segundo sentido. Vale ressaltar que não exploraremos todas as possíveis conexões, concentrando-nos no estudo da relação, partindo da premissa de que o filme pode ser utilizado em sala de aula como um estímulo para a compreensão mais aprofundada de determinados conteúdos abordados nas aulas de filosofia.

Nesse contexto, o cinema atua como uma referência ficcional da realidade existencial, qualificando-se como uma ferramenta altamente eficaz para a discussão filosófica quando empregado de maneira adequada aos objetivos didáticos. Naturalmente, não há consenso entre os profissionais tanto da filosofia quanto do cinema em relação à utilização e à natureza dessa interação. Divergências entre diversos grupos e correntes presentes nos dois campos são evidentes. Assumimos, portanto, a premissa fundamental de que é possível estabelecer uma relação consistente e produtiva entre filosofia e cinema, sem necessariamente encerrar a questão de forma dogmática. Reconhecemos, no entanto, que o debate permanece aberto, longe de ser definitivamente resolvido.

Cabe ressaltar que consideraremos o cinema não tanto como um objeto de estudo (no âmbito artístico) e muito mais como um campo privilegiado, lugar onde, de maneira exemplar, a totalidade da experiência humana se manifesta. O cinema pode ser concebido como um recurso singular no processo de ensino-aprendizagem, pois agrega de maneira significativa imagem, movimento e linguagem. Esse caráter especial permite a representação de realidades irrealis, traz presente o ausente, fomentando a dúvida e explorando temas como o tempo, a verdade, a realidade, a dor, a angústia, o tédio, a violência, a morte, o amor, a felicidade, a justiça, abarcando, enfim, todas as dimensões

da existência humana. A atividade filosófica, por sua vez, aborda criticamente e argumentativamente essas diversas dimensões.

Nesse sentido, a ação pedagógica se configura como um instrumento por meio do qual os objetivos educacionais podem ser alcançados. No entanto, esses objetivos nem sempre são explícitos, sendo necessário torná-los evidentes, pois estão implicitamente presentes em toda e qualquer ação. Em algumas situações, eles podem estar subjacentes, mas isso não implica que não existam. O/a educador/a tem a responsabilidade de refletir sobre sua ação para trazer à luz seus pressupostos e objetivos, a fim de escolher conscientemente os meios mais apropriados e eficazes para alcançar o sucesso.

Cabe a um/a educador/a questionar permanentemente sobre o objetivo do seu trabalho, sobre os sujeitos de sua prática, sobre o sentido dos procedimentos que utiliza sobre o que é conhecimento, sobre efetividade, sobre métodos, sobre os conteúdos que veicula, e tantos outros objetos que estão comprometidos com a sua prática (LUCKESI, 1990, p.43). No caso, o filme se apresenta como uma estratégia, um recurso que pode ser utilizado de maneira eficaz na ação pedagógica para desenvolver e promover a atividade filosófica por meio da reflexão crítica, radical e global. Porém, esse recurso deve ser muito bem trabalhado e orientado para que não se configure em algo banal, descaracterizando e até mesmo distorcendo a atividade filosófica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Deleuze e Guattari, a filosofia não se limita a um campo isolado do pensamento, mas é uma força vital que permeia todas as dimensões da existência. A filosofia não se restringe apenas à escrita de tratados filosóficos, mas está presente nas ações, nas residências sociais e nas práticas cotidianas. A vida do/a filósofo/a é uma vida de criação, em que o pensamento e a ação estão inseparavelmente entrelaçados. A filosofia, então, se torna uma forma de transformar a realidade, de criar novos conceitos e modos de pensar que permitem compreender e interagir com o mundo de maneiras inovadoras e originais.

As conexões múltiplas tem como base o conceito de rizoma⁴, desenvolvido por Deleuze e Guattari. Da mesma forma que um rizoma se multiplica e se dissemina, nossa

⁴ Essa metáfora foi retirada da botânica, referindo-se a um tipo especial de raiz encontrado, por exemplo, na grama, que tem a característica de se proliferar e se restringir pelo terreno. Os pensadores usam esse conceito para pensar o filosófico como uma perspectiva e expansão, identificada por conexões múltiplas, sem centro fixo e sem autoridade.

pesquisa visou propagar-se para além de sua abordagem original, abrindo-se para novas possibilidades de atuação e contribuição em outros campos do conhecimento. Essa abordagem possibilitou uma expansão das práticas educacionais, promovendo uma maior diversidade de conexões e perspectivas no contexto do ensino de filosofia.

Uma abordagem rizomática valoriza a multiplicidade e a diversidade. Nesse contexto, não há um currículo ou escola única, mas sim múltiplos currículos, múltiplas escolas e múltiplos processos educativos, pois cada estudante tem suas próprias necessidades, interesses e trajetórias de aprendizagem. A ênfase recai na singularidade de cada indivíduo e em sua capacidade de construir conhecimento de maneira personalizada e autônoma.

Com o currículo rizomático, a educação se torna um espaço dinâmico e flexível, no qual os/as estudantes têm a liberdade de explorar e conectar diferentes áreas de conhecimento, bem como desenvolver seus próprios caminhos de aprendizagem. Essa abordagem promove a autonomia dos/as estudantes, incentivando-os a serem protagonistas de seu próprio processo educativo e construir seus conhecimentos de forma ativa e criativa. O currículo rizomático reflete uma perspectiva de educação mais aberta, diversa e adaptável, que respeita as singularidades de cada estudante e valoriza a multiplicidade de saberes e experiências presentes no contexto educacional. Nessa perspectiva, Kroef associa ao seu currículo nômade, justificando que:

Currículos que se constituem no acontecendo. Para tanto, parto da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que apresentam o plano de imanência como uma imagem do pensamento, uma máquina diagramática, que está associada à criação de conceitos e aos personagens conceituais (KROEF, 2003, p. 15).

Podemos adotar uma abordagem rizomática ao currículo, ou seja, pensar em um currículo que seja descentralizado e livre de hierarquias. Essa perspectiva se alinha com a noção de aprendizagem defendida por Deleuze, a qual não admitia uma estrutura hierárquica. Na concepção deleuzeana, o aprendizado é influenciado por um regime de signos e por uma série de conexões que o/a estudante estabelece inclusive com aspectos que podem estar distantes do discurso do/a professor/a.

Ao não limitar o filosofar a uma reflexão meramente reprodutora da realidade ou à repetição das ideias de filósofos anteriores, Deleuze e Guattari construíram um conceito inovador de filosofia. Eles respondem de forma direta e objetiva à pergunta O que é a filosofia? (1992), afirmando que a filosofia é uma atividade de criação de conceitos.

Assim, o conceito não deve ser procurado, pois não está aí para ser encontrado. O conceito não é uma ‘entidade metafísica’, ou um ‘operador lógico’, ou uma ‘representação mental’. O conceito é um dispositivo, uma ferramenta, algo que é inventado, criado, produzido, a partir das condições dadas e que opera no âmbito mesmo destas condições. O conceito é um dispositivo que faz pensar, que permite, de novo, pensar. O que significa dizer que o conceito não indica, não aponta uma suposta verdade, o que paralisaria o pensamento; ao contrário, o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar. Se o conceito é produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor de novos conceitos; e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é o conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível. (GALLO, 2008, p. 51-52).

No campo da educação, essa abordagem deleuzeana instiga os/as estudantes a desenvolverem uma postura ativa e criativa diante dos conhecimentos e das problemáticas do mundo. Encoraja-os a questionar, a criar e experimentar novas ideias, promovendo uma aprendizagem mais autônoma e significativa. As obras de Deleuze e Guattari são valiosas para a educação, pois nos convidam a explorar a filosofia como uma atividade criadora e entender que a busca por novos conceitos é fundamental para compreendermos o mundo e construirmos conhecimento de maneira genuína e original.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Importante enfatizar que o recurso audiovisual, como o cinema, não deve ser concebido como um substituto da leitura ou da exposição oral dos conteúdos em sala de aula. Pelo contrário, o filme é uma opção complementar para a apresentação de temas e conteúdos, muitos dos quais podem estar presentes nos livros. O cinema, nesse contexto, deve ser visto como um estímulo para o desenvolvimento do gosto pela leitura. É essencial que tanto o cinema quanto a leitura caminhem juntos nas atividades educacionais. A discussão sobre o uso do cinema em sala de aula foi bastante relevante no início da década de 1990, e é importante reconhecer que o cinema não substitui a leitura, mas sim, pode ser uma ferramenta valiosa para incentivá-la. Daí o cinema como ferramenta didática, ainda atual.

O cinema tem mais de um século, mas continua sendo jovem, dinâmico, inovador e cativante como foi desde seu começo. Portanto, utilizá-lo com finalidade além de mero entretenimento é uma forma de aproveitar uma ferramenta poderosíssima, afinal vivemos em uma sociedade cada vez mais imagética na qual a máxima ‘uma imagem vale mais que mil palavras’ é comprovada diariamente (MODRO, 2006, p. 127).

Ao usar o cinema como recurso pedagógico em projetos escolares, é fundamental que isso esteja coerente com os objetivos da escola, e um desses objetivos é, sem dúvida, preparar os/as estudantes para o mundo da escrita e da leitura. O cinema pode ser uma ponte para desenvolver o interesse dos/as estudantes pela leitura e ampliar

sua cultura cinematográfica. É importante ressaltar que não se trata de menosprezar a cultura oral, que possui sua própria riqueza e importância. O uso do cinema em sala de aula não é incompatível com a valorização da cultura oral. Ambas as formas de expressão podem coexistir harmoniosamente e se complementar. A integração do cinema e da leitura nas práticas pedagógicas pode ser uma estratégia eficaz para o processo de aprendizagem dos/as estudantes, proporcionando uma experiência educacional mais completa.

O cinema em sala de aula tem o potencial de provocar debates e reflexões que ultrapassam os aspectos técnicos e estéticos do filme. Cada obra cinematográfica é um documento em si, o que requer uma abordagem interdisciplinar articulada com os conteúdos curriculares da disciplina de filosofia. Ao pensar em um filme selecionado para abordar um determinado tema, é essencial compreender como apresentá-lo aos/as estudantes. Deveria apresentá-lo da mesma forma que apresentamos um texto filosófico? Essa perspectiva de entrecruzar o que o filme propõe com a temática a ser debatida em sala de aula é uma condição fundamental para seu uso didático no currículo, possibilitando ultrapassar fronteiras nas suas discussões.

Compreendemos que para a transformação da nossa realidade escolar/acadêmica (transformação que perpassa seus muros) é imprescindível a articulação do currículo com uma educação que esteja atrelada à cidadania, às singularidades e às diversidades das culturas e etnias. Dessa forma, promove-se a aquisição de conhecimentos para além das paredes desses espaços educativos, proporcionando o diálogo entre o pensamento crítico, a imaginação e a realidade, formando sujeitos críticos e comprometidos com a transformação da realidade social do nosso país (MACHADO, 2019, p. 118).

A escolha e os cuidados com a utilização de filmes em aulas de filosofia podem enriquecer a experiência educacional dos alunos, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de análise e interpretação. Ao relacionar os temas filosóficos com as narrativas e mensagens presentes nos filmes, o/a professor/a incentiva os/as estudantes a refletirem sobre questões profundas e complexas, estimulando a criatividade e a participação ativa na construção do conhecimento. O cinema em sala de aula é uma ferramenta potente para envolver os/as estudantes e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. A abordagem interdisciplinar e o cuidado na seleção de filmes pode abrir caminho para uma educação mais dinâmica, relevante e conectada com as experiências e realidades dos/as estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados aceitáveis, acreditamos nessa proposta de trabalho com o uso do audiovisual no ensino de filosofia. Ao incentivar a utilização criativa do cinema em sala de aula, esperamos que a pesquisa possa estimular o aprimoramento das práticas pedagógicas e promover uma educação mais envolvente e reflexiva para os/as estudantes. A fundamentação da ideia de que os/as professores/as deveriam compreender a aplicação de recursos audiovisuais durante as aulas de filosofia no Ensino Médio foi embasada no pensamento deleuzeano. Ao associar alguns dos conceitos de Deleuze aos elementos didáticos em sala de aula, buscamos explorar uma nova abordagem educacional. Embora Deleuze nunca tenha escrito um tratado específico sobre educação, seu discurso incomum nos desafia a confrontar o diferente, a buscar a não conformidade e a considerar a necessidade de uma nova concepção de vida e do mundo como processos de criação.

Trabalhamos com a convicção de que é responsabilidade do/a professor/a despertar o interesse dos/as estudantes pelas práticas filosóficas em sala de aula, estabelecendo uma conexão entre o conteúdo filosófico apresentado e o material audiovisual selecionado para exibição. Nesse contexto, o/a professor/a assume a tarefa de interpretar o filme, mas também deve ser capaz de conduzir a discussão de forma a permitir que os/as estudantes expressem suas próprias interpretações. O/a professor/a deve atuar como um guia durante essa jornada, levando em consideração a forma única como cada estudante percebe e compreende o mundo ao seu redor. Ao facilitar a discussão, ele/a incentiva o pensamento crítico e a reflexão dos/as estudantes, dando-lhes espaço para compartilhar suas perspectivas e desenvolver sua capacidade de análise e argumentação.

Portanto, concluímos que nossa hipótese se comprova ao constatarmos que o cinema, enquanto mídia educacional possui um grande potencial pedagógico. Essa capacidade deriva do fato de que é muito mais fácil para crianças, adolescentes e adultos absorverem informações através de estímulos audiovisuais. O filme se torna uma ferramenta potente para o/a professor/a romper com o modelo tradicional de aula, que se baseia em uma explicação solitária.

Ao utilizar filmes como recursos educacionais, o professor pode criar uma atmosfera mais dinâmica e interativa, incentivando a participação ativa dos/as estudantes na construção do conhecimento. A aplicação do cinema como mídia educacional oferece um vasto campo de possibilidades pedagógicas, enriquecendo o ambiente de

aprendizagem e proporcionando uma experiência de ensino mais cativante e enriquecedora tanto para o/a professor/a quanto para os/as estudantes.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento: cinema 1.** Tradução: Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema 2.** Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. **Currículo-nômade: sobrevôos de bruxas e travessias de piratas.** [Tese Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre - RS, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia, exercício do filosofar e prática educativa.** In: Aberto. Brasília. Ano 9. no 45, jan. mar.1990.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades.** Fortaleza: Imprece, 2019.

MODRO, N. R. **Cineducação: usando o cinema na sala de aula.** Joinville: Editora Univille, 2006.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze.** Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: São Paulo: Relume Dumará, 2004.